

A formação em “*Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres*” de Clarice Lispector: uma leitura hermenêutico-ontológico

The building in Clarice Lispector's “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”: an ontological-hermeneutic reading

Douglas Gadelha Sá¹

RESUMO: Este artigo pretende relacionar o tema da formação (*Bildung*) dentro do romance da escritora brasileira Clarice Lispector, “*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*” (1969) a partir de uma leitura hermenêutico-ontológica. O escopo deste trabalho é a relação recíproca e solidária entre Literatura (Arte) e Filosofia (Estética) de forma que a primeira não se submeta à análise da segunda. Esta proposta passa necessariamente pela discussão da autonomia da obra de arte. O aporte teórico aparece na proposta da Hermenêutica como perspectiva filosófica fundamental no pensamento de Hans-Georg Gadamer, na implicação da Ontologia como desvelamento do ser, ambas orientadas sob o pano de fundo da Fenomenologia. Assim, procura-se entender o processo de formação da personagem Lóri enquanto uma constituição ontológica e perceber a potência literária como um campo de discussão de problemas filosóficos.

PALAVRAS-CHAVE: *Clarice Lispector, Filosofia e Literatura, Hermenêutica, romance de formação.*

ABSTRACT: This article has an intent to connect the theme of formation (*Bildung*) inside the romance of the brazilian writer Clarice Lispector, “*Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*” (1969) starting from a hermeneutic-ontology reading. The scope of this work is the reciprocal solidary relation between literature (art) and philosophy (aesthetic) in a way that the first one does not need to analyze the second one. This proposal necessarily goes thru the discussion of the autonomy of the work of art. The theoretical contribution shows in the hermeneutic proposition like a philosophical perspective that is fundamental in the thought of Hans-Georg Gardamer, in the implication of ontology like a unveiling of the being, both oriented under the background of phenomenology. Therefore, the pursuit for the understanding of the formation process for the character Lóri while a ontology constitution, and observe the literary potential like a field of discussion of philosophical problems.

KEYWORDS: *Clarice Lispector, Philosophy and Literature, Hermeneutic, novel of formation*

¹ Licenciando em Filosofia pela UFPel, bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9295992357693105>; E-mail para contato: douglasgadelhasa@gmail.com.

O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista.

Martin Heidegger

1. Filosofia e Literatura: uma aproximação hermenêutica

Só é possível pensar esta aproximação se estivermos de acordo com a tentativa de trabalhar Filosofia e Literatura, ambas com uma autonomia de pensamento, cuja implicação temática que um conceito filosófico possui dentro de uma narrativa ficcional, junto à circularidade em que o *logos* estético teria entre o *logos* poético, tal como Maria José Rego Campos sugere no primeiro capítulo de seu livro “Arte e Verdade”. As duas áreas possuem uma longa e complexa tradição, na tentativa de se libertar dos paradigmas que a modernidade impôs sobre estruturas metafísicas da escolástica no trabalho conceitual dos filósofos. A longa tradição literária amparou a transformação da epopeia grega para a epopeia moderna-burguesa, no realismo e no fantástico e enquanto formas poéticas. O nascimento grego do *logos* filosófico através de formas do *logos* poético, assinala um modo originário de olhar para o mundo: é a partir desta origem esquecida que esta proposta procura caminhar.

Se faz mister entender o estatuto que a obra de arte possui frente as outras áreas, o qual sempre sofre questionamentos injustos. Por vezes, até mesmo a Filosofia se encontra em situações de justificativa de seu trabalho, na ausência de um método de observação como ocorre na ciência ou até mesmo a pergunta sobre a “utilidade” da Filosofia frente ao mundo prático. Ora, não acontece diferente com as Artes. A questão da arte no século XX tornou-se propriamente uma questão por apresentar incompreensão e o suposto vazio que lhe ronda. Assim, impõe-se entender o estatuto de autonomia que ambos possuem, em que “A obra como obra de arte assinalaria, pois, a sua própria existência em função da presença que nela produz.” (NUNES, 2017. p.348). A arte a partir do século XIX deixou de representar o mundo, liberada da exigência de cópia da natureza e despossuída de sentidos prévios que lhe dessem ordem, a arte passou à *apresentação* dos problemas, passando por um atravessamento direto das questões e propondo formas de pensar autônomas. Assim, é o caso da Literatura

enquanto área a partir do século XVIII, que através da ficção, do romance, conseguiu forjar formas diretas de pensamento.

Desta maneira, torna-se possível a discussão de um tema cujo pertencimento a Filosofia dividi no diálogo com outros campos, neste caso com as Artes e a Educação. A formação aqui nos termos da *bildung*, declara um novo encontro cultural do momento em que a Modernidade rompe com o paradigma da criação, o homem moderno recusa ser criatura e semelhança para tornar-se criador, sem uma ordem pré-estabelecida na produção de sentidos e lançado na eminência da contingência. As Artes, ao longo da história, não se furtaram na criação de obras em que discutissem a temática da *bildung* e sobretudo na obra de arte literária. Assim, o tema não se encerrou no domínio de uma única área, pelo contrário, interiormente conjugou propostas de profunda concepção de mundo, devedora desde da Paidéia grega, da *Humanitas* romana, do *Trivium et Quadrivium* medieval, do Humanismo renascentista, mas que conseguiu forjar uma *weltanschauung* própria e singular no contexto da Alemanha no século XVIII.

Nesta discussão, a Filosofia se ocupou comumente a partir de dois domínios: a Ética e a Estética. O caminho aqui pretendido sugere a Estética enquanto campo filosófico na relação com a expressão da Arte e seu o estatuto valorativo para o homem no mundo. Nesse sentido, fundamentalmente, este trabalho encarregará à proposta da Hermenêutica Filosófica o aporte teórico do problema. Esta escolha surge devido a um problema de ‘método’ -aqui entendimento filosoficamente nos termos da hermenêutica, ou seja, um posicionar-se frente ao mundo- em tentar relacionar: a) A Filosofia e a Literatura compreendidas como campos autônomos e tão complexos no interior da tradição ocidental, que partem de um problema do século XX em trazer à luz as relações esquecidas que a Filosofia ora manteve no passado originário do pensamento grego antigo e que as ciências tratou de afastar; b) a Hermenêutica enquanto uma das correntes sumárias do século XX, antes iniciada por Friedrich Schleiermacher durante o XVIII e por Wilhelm Dilthey no XIX, aparece aqui a maneira dos moldes de Martin Heidegger na analítica da compreensão, em que a “compreensão como uma forma da existência fática, estando, portanto na estrutura ontológico-existencial [...] o compreender recebe carácter ontológico”(KAHLMAYER-MERTENS, 2017, p.50), surgindo a hermenêutica da facticidade por Heidegger.

Porém, vai surgir enquanto uma área autônoma da Filosofia, fundamentada e tornada filosófica apenas em “*Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica*

filosófica” (1960) obra canônica de Hans-Georg Gadamer (1900 – 2002), continuada por Paul Ricoeur, a qual abre a possibilidade da experiência do homem com a verdade de um ponto de vista múltiplo, em que a circularidade homem-mundo e mundo-homem se contrapõe às noções objetivas da metafísica na cisão do sujeito com o objeto, da ruptura de homem com o mundo e na desconfiança da sensibilidade. Este posicionar-se hermenêutico para o mundo, corrobora para os temas que a relação Filosofia e Arte suscitam, enxugando os limites e as distâncias ora impostos pela tradição objetivista e realista. Portanto, a relação aqui pretendida já se propõe hermenêutica com a obra de arte desde já, promovendo um intercruzamento das duas áreas uma na outra.

A fenomenologia que emergiu dos porões da Alemanha no início do século XX, abriu um modo de pensar a experiência do homem no mundo essencialmente originária. O retorno às coisas mesmas e a percepção sobre a existência possibilitou o olhar filosófico para com a obra de arte; a Hermenêutica² enquanto uma corrente permitiu o horizonte filosófico respirar diante à crise da razão, é neste sentido que a liberação filosófica viabiliza às Artes um lugar autêntico na reflexão sobre a existência humana. Isto significa dizer que a Literatura enquanto linguagem artística que pensa e potencializa a experiência do homem a partir de uma narrativa, dentro de uma forma poética e com um alcance da compreensão, consegue produzir pela obra de arte um acontecimento capaz de discutir temas e problemas inerentes ao próprio homem e a sua relação com o mundo: o mundo é o alojamento do homem, quando este se dirige a si e ao outro. Conforme pontua Nadja Hermann no comentário sobre a fenomenologia existencial da facticidade de Heidegger: “O mundo é o próprio ser e o homem é o ser-no-mundo.” (HERMANN, 2002. p.34).

A partir destas constatações, que esta leitura se faz salutar no que concerne ao trabalho filosófico em discutir um problema com uma determinada corrente amplamente trabalhada no cenário brasileiro - como é a Hermenêutica e sobretudo a Fenomenologia – na tentativa de estabelecer uma relação que se propõe hermenêutica com a própria obra de arte e o seu estatuto de pensamento autônomo. A noção compreensão, tal como Gadamer elabora em “Verdade e Método” vai permitir que esta relação entre Filosofia e Literatura se permeie entre

² A palavra grega *hermēneuein* significa interpretar ou esclarecer, vide a tradição da técnica de tradução dos textos bíblicos (*ermēneutikē*), ou até mesmo, significaria um declarar, um anúncio de uma posição prévia no mundo tal como Heidegger elaborou. A origem da palavra remete a Hermes, mensageiro que levava o sentido aos Deuses, “*Hermion* significa fruto caído, chance, vantagem inesperada, daí a relação com a ideia de trazer o que está oculto” (HERMANN, 2002. p.21) comenta a professora de Filosofia da PUC-RS Nadja Hermann, expoente nos estudos de Gadamer no Brasil.

si e que o acontecimento do romance se revele tal como o é, concedendo uma possibilidade do seu todo. A circularidade entre uma espécie de logos estético e um logos poético reflete a tentativa fértil de pensadores durante o século XX em reabilitar a origem de base Grega para repensar a condição humana moderna fragmentada. Esta circularidade permite em que a criação esteja no bojo do pensar, e que o pensar em verdade seja um ímpeto de criação.

A escolha de um romance de Clarice Lispector (1920 – 1977) para discutir o tema da *bildung* junto à uma reflexão filosófica por uma chave hermenêutica, se impõe a um desafio pouco comum. A imensa bibliografia que trabalha a prosa clariceana e a relação com a Filosofia da existência não é protagonizado pela Filosofia (salvo os esforços da Estética e da Filosofia da Arte), que poderia enquanto área pensar o objeto arte na discussão com seu amplo espectro de linguagens (Teatro, Cinema, Música, Literatura e Artes Visuais). A visita das Artes na Filosofia se dá por um diálogo prudente, visto a recorrência na produção acadêmica brasileira e o contrário, quando é feito, procede-se sempre filosoficamente em investidas que violentam e descaracterizam as obras de artes: romances, contos ou poesias.

O vocábulo alemão *Bildung* expressa o sentido de *Kultur*, porém torna-se difícil associarmos ao nosso entendimento corriqueiro de cultura, pois aquele expressa uma forma interna de relacionar-se com a vida e com o mundo, não um carácter institucional, social e por vezes burguês. A palavra *bild* indica figura ou imagem, podendo até ser forma, e o *ung* corresponderia ao nosso gerúndio, portanto o processo em que uma imagem/forma surge. O que se pretende aqui na utilização do termo *Bildung* é “sobretudo, o processo da cultura, da formação” (SUAREZ, 2005. p.192), em especial o seu carácter de processo, usando a terminologia estabelecida por Rosana, *Bildung* como viagem (*Reise*) “cuja essência é lançar o ‘mesmo’ num movimento que o torne outro. A ‘grande viagem’ da *Bildung* como experiência da *alteridade*.” (BERMAN *apud* SUAREZ, 2005. p.192). Desta forma, a compreensão do conceito de *Bildung* está numa chave ontológica, em que o processo de formação promoveria um desvelamento do seu ser na expressão da verdade.

2. O cânone brasileiro: literatura e existência em Clarice Lispector

A escritora, jornalista e pensadora Clarice Lispector, cânone brasileira durante o século XX nas mais variadas formas - contos, crônicas e sobretudo romances - discutiu com gêneros e formas que embora tipicamente europeia, forjou uma identidade originária, um espírito brasileiro com uma interioridade eslava. A escritora nasceu na Ucrânia em 1920, logo

em seguida sua família emigra para o Brasil fugindo da perseguição judaica da recente Revolução de 1917 na Rússia. Residiu em Maceió, Recife e por fim no Rio de Janeiro, ingressando em Direito na UFRJ em 1939, porém logo o interesse pela literatura se sobrepõe aos estudos das leis. A partir dos anos 40', publica seu primeiro romance em 1942 "*Perto do coração selvagem*", já na época lendo Spinoza e a aproximação de uma leitura religiosa em Franz Kafka. A crítica literária no Brasil se deu conta desta importância e a partir dos fins do anos 70 após a morte da autora, sempre chocados com a hermeticidade de seus romances e contos, iniciou-se um amplo ciclo de leituras, trabalhos acadêmicos, visibilidade nas produções editoriais e o grande efeito clariceano assolou o país com a áurea do "enigmático e místico", sempre selados por Hermes no aguardo do sentido oculto da existência. Marcou assim, deste então, um estatuto de importância artística e filosófica em se prestar atenção na autora.

O pensador e crítico literário brasileiro Benedito Nunes (1929 - 2011) percebeu a profundidade da autora ucraniana com espírito brasileiro - ou que se tornou brasileira mas que ecoava em si ainda vozes eslavas - e não tardiamente com sua intimidade no pensamento Heideggeriano e da Fenomenologia francesa, em 1986 lança o "Drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector" um livro que une o olhar filosófico ao universo ficcional de Clarice Lispector. Abrangendo os livros de contos "Laços de família" (1960), "A legião estrangeira" (1964) e "Felicidade clandestina" (1971) e os cinco romances mais importantes na produção da temática da existência: "Perto do coração selvagem" (1943) marcando sua estreia literária, "A cidade sitiada" (1948), "A maçã no escuro" (1956), "O lustre" (1961), "A paixão segundo G.H." (1964) e "Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres" (1969). Ainda na temática da existência, o livro de contos "A legião estrangeira" revela por excelência a temática do estranhamento como engate de momentos fenomenológicos como em "A tentação" e "A mensagem", perfilando em outra forma literária o mesmo tratamento que deu em outros romances: momentos cujo fenômeno irrompe através da situação limite do olhar que se impõe uma transformação das personagens.

O interesse da Filosofia pela Literatura aparece também no grande comentador de M. Heidegger e estudioso da hermenêutica Ernildo Stein, professor de filosofia e pensador brasileiro ainda vivo. Em seu livro de ensaios "*A instauração de sentido*" (1977), no primeiro

ensaio ele propõe uma leitura devidamente hermenêutica de outro romance canônico da literatura brasileira “*Grande Sertão: Veredas*” de Guimarães Rosa. Publicado em 1956 a obra narra o processo de formação de Riobaldo do ponto de vista ético, da ação do homem no mundo-sertão e sua reconciliação num processo fáustico, como propõe Ernildo Stein. Assinala o comentador: “A travessia é a longa viagem em direção dos enigmas do coração do ‘homem humano’” (STEIN, 1977. p. 16), destacando o símbolo da travessia de Riobaldo como um paradigma ético na luta essencial do homem e o sertão (ibid., 1977). O que chama atenção em trazer Guimarães Rosa e uma interpretação hermenêutica de romance é assinalar que: não só o gênero do romance pode ser situado enquanto um romance de formação como aponta alguns críticos, mas o caráter filosófico que suscita; o tema da formação num protagonista e o reconhecimento ao lado de Clarice Lispector como pertencentes à geração de ‘45’ que tematizaram a existência do homem dentro do universo ficcional da prosa brasileira. Ao contrário de Rosa, Lispector olha para dentro da mulher e vê na existência um problema aberto, possível de uma saída de dentro para fora: o estranhamento na vida cotidiana e seu o momento de transformação.

2.1 - Lóri e o paradigma ontológico

O romance “*Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*”, publicado em 1969, foi escolhido como o corpus desta reflexão devido à profundidade em seu aspecto filosófico, aos temas que suscitam e brotam do interior reflexivo de Lori (personagem protagonista) como perguntas. Sobretudo na forma que o romance aparece e é considerado pela crítica como Wilma Maas, Cíntia Schwantes, Cristina Ferreira Pinto e Benedito Nunes enquanto pertencente ao gênero literário *Bildungsroman* feminino. Em verdade, esta forma que escapa à uma narrativa com um tempo e espaço ficcional³ comum, às vezes são fluxos de consciência em solilóquio como em *A paixão segundo G.H.* em que “a obra toda é um romance de educação existencial” (BOSI, 2015. p. 453), ou em *Água Viva* em que “se contamina o romanesco com o lírico”, como se fosse “um romance sem romance [...] um poema em prosa” (LISPECTOR, 1998)⁴. O único romance de aprendizagem de Clarice no que “há de realmente

³ “[...] Para compreender a imagem do homem em formação em Goethe, cumpre também levar em conta a idéia de educação tal como ela se constituiu no Século das Luzes e, em particular tal como se apresenta através das variantes específicas que encontramos na Alemanha, na noção de uma educação da espécie humana em Lessing e em Herder.” (BAKHTIN, 1997. p. 241)

⁴ Passagem extraída da orelha de capa da presente edição do romance, escrita pela Prof.^a Lúcia Helena, titular de Literatura Brasileira na UFF.

novo em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* [...] é que a narrativa está polarizada pelo diálogo e não pelo monólogo” (NUNES, 1995. p.78), isto é, a protagonista está imbricada num relacionamento intersubjetivo, recíproco com a personagem secundário, Ulisses.

É mister destacar a proeminência do romance de formação clariceano em protagonizar uma mulher e narrar o seu processo de formação estético-ontológico, pois a tradição deste gênero romanesco (*bildungsroman* como romance de formação ou *Erziehungsroman* como romance de educação) sempre colocou o homem como protagonista e digno à um processo de constituição, como vemos com o jovem Meister em *Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1796) do Johan Wolfgang von Goethe, ou o provinciano Julien Sorel de *Vermelho e o Negro* (1830) do Stendhal, ou o jovem marinheiro em *A Linha da Sombra* (1917) de Joseph Conrad, também o jovem Hans Carstop de *A Montanha Mágica* (1924) de Thomas Mann e não tão menos o diálogo de mestre e discípulo entre o jovem Kappus e o poeta alemão Rainer Maria Rilke, em *Cartas a jovem poeta* (1929).

O *Livro dos Prazeres* narra o processo de iniciação de Lóri (ou Loreley) ao mundo da vida, uma mulher do interior que mora na capital do Rio de Janeiro e trabalha como professora de educação infantil. Passado um melindroso histórico de relação afetivas, conhece Ulisses um professor universitário de Filosofia, se envolvendo num desvelar de silêncios e prazeres. Lóri passa por uma longa viagem em si mesma, por um processo de *ser* ela, despindo-se das fórmulas filosóficas de Ulisses e dela mesma, ambos prometem encontrar-se em si mesmo, para ir ao encontro do outro.

O tema da *bildung* aparece como uma espécie de fio-condutor do romance, na qual parece atrair e discutir os temas mais proeminentes de uma existência desamparada, mas que convoca Deus por outro nome, numa pessoa que grita por tentar tornar-se ela mesma, atravessando um processo de constituição ontológica que desemboca numa relação amorosa onde a *philia* une Eros e Ágape no retorno a si mesmo pelo outro, junto a Ulisses.

2.2 - Análise ficcional⁵: uma leitura hermenêutico-ontológico

⁵ A análise apresentada é fruto de várias leituras do romance, sem necessariamente um método, mas com a postura de sempre procurar entender e entrar no acontecimento do próprio romance, e ser acompanhado pelos caminhos que Lóri forja em seu próprio interior. Devidamente uma busca interior com uma profundidade ontológica. As citações das passagens aparecem pelo número da página indicado entre parênteses, ex. (39), indica a página 39 do romance na edição usada, para evitar uma poluição visual de citações. Esta análise se concentra essencialmente na 1ª parte do romance.

O romance se encontra dividido em duas grandes partes, que já expressam justamente os momentos de travessia da personagem: A primeira, que leva o nome de “*A origem da Primavera ou a Morte necessária em pleno dia*”, em que a narradora sempre em terceira pessoa apresenta Lóri e nos mostra e faz mostrar por Lóri a situação em que esta se encontra, no símbolo de um (re)nascimento da primavera (vide Botticelli), que precede uma destruição anterior. Só renasce aquilo que se encontrava morto. É esta relação que está expressa no título da primeira parte.

Condição antes ignorada por talvez estar em uma condição imprópria e de vida comum atuando como professora infantil, situação que justificava em não se perguntar por aprender, mas afirmar-se no ensino. Aqui já surge uma possibilidade hermenêutica: em que medida, Lóri não precisava olhar a sua prática de ensino que conjugasse um permanente aprendizado, tanto na vivência com os alunos tanto na decidida vivência da vida? Em que o ensinar, passar também por um processo de aprendizagem, o ensinar seria deixar-se aprender e a própria aprendizagem atravessa o ensinar. Neste sentido, a noção de tempo desempenhada por Clarice está além de uma concepção cronológica, no qual o retorno de uma personagem madura (professora) precisa atravessar por um processo de aprendizagem. Lóri é uma personagem que até certos momentos, vive numa eminência do desabrochar, “iniciada, pressentia a mudança” (118). Eminência que sempre urge por uma travessia: toda cena de transformação antecede o encontro com Ulisses, e desta eminência como uma flor fechada que irradiando-se a partir de dentro, irrompe numa abertura primaveril.

O carácter da passagem/travessia contém uma destruição em que Lóri sempre abandona àquela Lóri anterior, passando por uma (trans)formação de uma Vênus interior. Em uma rápida referência à música, trago as duas primeiras estrofes da canção “Cais” de (NASCIMENTO, Milton, 1971-2) que discute o tema da experiência da formação, do lançar-se ao mundo.

1ª estrofe

Para quem quer se soltar
Invento o cais
invento mais que a solidão me dá

2ª estrofe

Invento Lua nova para clarear
Invento o amor
E sei a dor de me lançar

A necessidade de forjar-se numa circunstância restrita da vida, a premente necessidade diante do nada, para então, dum ponto de partida qualquer (amor, profissão, estudo, objetivos em gerais) - carregando o fardo da solidão – é por isso, que um personagem (nós) consegue produzir as forças necessárias. A situação problemática da personagem dentro de uma narrativa durante o processo formativo é o que possibilita este forma-se, é o problema com o mundo que contém a própria reconciliação com ele, como aponta György Lukács no ensaio sobre o Meister de Goethe, em *A teoria do romance*.

Na escuta silenciosa desta necessidade, Lóri escreve uma espécie “metáfora do Ser” (nomeação minha), a caminho de um táxi para ir encontrar Ulisses, a qual expressa justamente esse algo que urge de dentro dela e que precisa, necessita irromper num movimento estético de dentro para fora:

Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse a casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem -pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela- apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come as vezes na minha mão [...] Aviso também que não se deve temer o seu relinchar: a gente se engana e pensa que é a gente mesma que está relinchando de prazer ou de cólera. (28)

Embora seja um momento de ação da Lóri, na rua em um táxi indo ao encontrar de alguém, Lóri permanece na escrita que perfila uma incursão novamente para dentro, um outro exercício além dos pensamentos solitários e profundos, dentro de uma circunstância externa Lóri vira para dentro e escreve, um texto forte sobre seu ser, um exercício ontológico na sua superação ôntica. O cavalo lustroso pode sugerir um símbolo da sua sensibilidade, sensibilidade de uma selvageria que as vezes joga a meu favor, come em minha mão, que pertence originariamente apenas a ela e que lhe confere identidade, ironicamente avisa aos que se enganam em não aceitar a primazia da sensibilidade. Esta passagem por excelência, expressa muito bem a linha tênue que há entre momentos estéticos e momentos ditos aqui como ontológicos.

A diferença ontológica perpassa este momento, é a constatação desta primazia que seu ser se revela diante das coisas que impulsiona uma passagem. A condição ontológica de Lóri

permite a sua transformação. Estar no ôntico é antecipar a vida pela fixidez dos momentos, é estar presos às coisas, um jeito filisteu, é ignorar você mesmo, “Sobretudo aprendera agora a se aproximar das coisas sem liga-las à sua função” (35).

A segunda e a última parte que divide o romance clariceano, intitulada “*Luminescência*”, ou a experiência do iluminar-se, vai apresentar os momentos que vão se ocupar desta *bildung* ontológica, o seu processo de formação diante dos mais variados temas e situações como: a morte, o silêncio, a noite, o dia, a luz, o outro, Deus, o Nada, a existência, o ser e o amor. Daqui em diante Lóri vai se forjar, no encontro silencioso e místico com Ulisses, “Tudo isso ela aprendera através de Ulisses. Antes ela evitava senti” (34). É muito tênue a linha que divide a influência de Ulisses sobre Lóri e a tomada dela por ela mesma do seu processo. Existem algumas dissertações que expressaram esta dificuldade, influência deste personagem depende de uma possível leitura política do romance, e dependendo da chave de leitura exclui-se automaticamente a possibilidade que Clarice assinalaria numa supressão da dicotomia entre mim e o outro. Esta relação parece que expressar uma relação amorosa singular, como se a *philia* unisse Eros e Ágape no retorno a si mesmo pelo outro (Ulisses).

Então o que chamava de morte a traía tanto que só poderia chamar de valoroso o modo como, por solidariedade e pena dos outros, ainda estava presa ao chamava de vida (35)

Afinal, que morte é esta? Não se trata da morte como negação da vida, mas de deixar para trás uma situação inautêntica e desvelar por fim ela mesma, enquanto ser-lóri. Aqui o carácter de passagem parece ser uma espécie de morte [destruição] como passagem e afirmação da vida. Esta passagem se encontra num espaço ficcional em que a madrugada, a luz da lua, perfila um momento de reflexão. A questão da noite como uma marcação de tempo nos personagens clariceanos é muito recorrente. A varanda do apartamento da Lóri se torna a ágora agonística feminina. A narradora sempre distanciada, comenta o momento:

E amanheceu. O que se passara no pensamento de Lóri naquela madrugada era tão indizível e intransmissível como a voz de um ser humano calado. (35)

A travessia sempre é uma situação limite. O silêncio e a meditação sobre si, num eterno processo de morte que é o silêncio humano. O silêncio como símbolo da falta, do vazio que habita Lóri e,

[..] há um momento em que o corpo descansado se ergue o espírito atento, da Terra e da Lua. Então ele, o silêncio, aparece. E o coração bate ao reconhecê-lo: pois ele é o de dentro da gente. (37)

Esta citação é parte do 2º texto que Lóri escreve para Ulisses, já de manhã e na consciência que o dia traz, consciência de vigilância e organização dos acontecimentos, o texto passa da experiência para o asilo da coerência. A luz da aurora como transvaloração do vazio do Silêncio na presença do Nada.

A imbricação do processo de *Bildung* em que Lóri perpassa é atravessado por temas, entre aqueles trabalhados acima, a questão da verdade sinaliza o horizonte do desvelamento do ser si-mesmo, e como essa expressão ontológica edifica Lóri enquanto humano, abrindo a condições de compreensão no mundo. Conforme Nadja Hermann comenta sobre a fenomenologia existencial da facticidade de Heidegger: “O mundo é o próprio ser e o homem é o ser-no-mundo.” (HERMANN, 2002. p.34). Esta indissociabilidade entre homem e mundo aparece como pano de fundo de toda experiência estética na formação da sensibilidade e de sua condição enquanto humano. A compreensão, segundo Gadamer, deve possibilitar o alojamento do ser no mundo pelo mundo mesmo, ou, trazendo para o contexto literário do *Livro dos prazeres*, Lóri forma-se na medida em que permite Ulisses alojar-se em sua vida, em que esta relação não só seja permeada por interesses, mas por uma *philia* verdadeira. O horizonte da determinação do ser pelo tempo, tanto como caminho de travessia e tanto quanto efeito do mundo, desenha esta imbricação. No caminho percorrido é desvelado o próprio caminho, um estar-a-caminho no revelar da verdade.

O início do romance que começa com uma vírgula e termina com dois pontos, o qual mostra justamente este carácter de processo e revela uma estrutura circular do romance, de continuação de uma narrativa que já estava ali, acontecendo, e que termina no caminho para algum lugar, seja para a superação da morte pela vida que Lóri e Ulisses tentam ultrapassar e/ou na continuação do aprendizado.

3. Hermenêutica filosófica: compreensão e verdade em H-G Gadamer

O pensamento do alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), está fundamentalmente contido na sua principal obra “Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica

filosófica”, dando pela primeira vez o carácter filosófico pra Hermenêutica, antes domínio da Filologia clássica. Esta obra, em dois volumes, apresenta no primeiro volume a grande discussão do método que as ciências humanas reclama para o seu funcionamento. O autor vai trabalhar em três eixos para pensar o método e a expressão da verdade: O primeiro, é abordado a questão Arte, a tradição da estética e a sua liberação a partir do carácter ontológico (modo de ser da hermenêutica) da obra de arte a partir da noção de jogo (*Spiel*). No segundo eixo, é discutido as chamadas ciências do espírito, ou a História, e a proposta de um método adequado contrapondo-se ao historicismo. O último, Gadamer traz o fenômeno da Linguagem e como a experiência da compreensão atravessa o seu reconhecimento ontológico. Todos os eixos estão fora da concepção científica de método, em que o solo da fenomenológico é solicitado no amparo da experiência hermenêutica do homem no mundo. Assim, é Método enquanto uma proposta de pensar a experiência do homem com uma posição interpretativa, e a Verdade que aparece neste fenômeno como manifestação do ser.

As três questões abordadas tematizam a característica central do homem, a partir do conceito de compreensão. A hermenêutica, segundo Gadamer, parte do fenômeno da compreensão à luz da experiência da verdade – neste caso a experiência da formação – como reflexão portadora de um valor ontológico, de uma abertura para o mundo (GADAMER, 2008), a compreensão portanto seria o alojamento do sujeito no objeto pelo objeto mesmo, sem violentá-lo. A compreensão seria a abertura originária do homem em que este, na experiência interpretativa do mundo, possibilita o seu acontecimento, isto é, aquele momento de reconhecer-se propriamente como homem e suas possibilidades. Numa palavra: o homem está para o mundo, como o mundo está para o homem em sua realização. Este horizonte hermenêutico filosófico, tematizado pela relação do homem com o mundo, compreensão seria a abertura vigente do homem em que, na experiência interpretativa do mundo, possibilita o seu acontecimento, isto é, aquele momento de reconhecer-se propriamente como homem e suas possibilidades. A compreensão carrega na experiência de mundo do homem (hermes) um sentido oculto, algo que está velado e, portanto, é necessário trazer a luz. É nesta experiência de desvelamento que a formação se dá, pois, o horizonte da compreensão busca possibilitar a produção de sentidos em sua constituição ontológica.

Neste sentido, este trabalho estabelece a sua leitura a partir da primeira parte de Verdade e Método, no que concerne a discussão no paradigma da obra de arte e o seu estatuto ontológico. Entretanto, quando Gadamer pretende olhar para a obra de Arte e discutir este aspecto ontológico, só o faz porque antes, Martin Heidegger já havia assinalado este horizonte

magistralmente em “A origem da obra de arte” (1936), redigindo provavelmente por volta de 1960 uma introdução⁶ à esta obra. A diferença ontológica assinalada por Heidegger, que a obra de arte conjuga em si mesma uma *terra* (material do qual é feito) e um *mundo* (sentido expresso e empregado pelo artista), possibilita pensar que a Arte possuiria uma abertura originária ao ser e portanto poderia produzir o desvelamento da verdade.

Durante a experiência da verdade em que o homem atravessa, a obra de arte vai ser um dos modos de produção de sentido (ser) capaz de um estatuto ontológico. Este estatuto ontológico da obra de arte faz resistência a outros modos em que a arte se apresenta, a saber: o ético, o político ou até mesmo o religioso. Embora já tematizados, a obra de arte comporta em si mesma possibilidades de discussões, ela portaria assim uma abertura não comprometida com instituições, valores ou ações, podendo assim, manter a sua autonomia frente aos temas. A obra de arte revela um mundo. O efeito da arte inscreve o homem neste mundo, a própria abertura ontológica desta permite instaurar no homem a percepção de abrir em si mesmo possibilidades potentes: é no devir, na tenção entre obra e homem que a verdade desponta no seu ser pela *Bildung*. Juntamente à experiência da verdade, a experiência estética (obra de arte) instaura, a partir da criação (poiésis), um modo existencial interpretativo (sentidos) privilegiado. Deste modo, a formação seria o processo de compreensão de si, a partir da experiência interpretativa do mundo. A formação neste sentido parece despontar no homem através da compreensão como um processo ontológico, e o que suscita isso no homem é a presença da obra de arte em sua existência. No comentário ao conceito de formação, Gadamer pontua: “o resultado da formação não se produz na forma de uma finalidade técnica, mas nasce do processo interior de formulação e formação, permanecendo assim em constante evolução e aperfeiçoamento” (GADAMER, 2008, p.46). A finalidade somente aparece quando o modo impróprio do homem (ôntico) sobrepõe o conhecimento às exigências externas, tal como a regularidade objetiva da técnica impõe sobre as relações de vida e da arte. No conceito de formação, a edição espanhola de “Verdad y Metodo”, apresenta uma nota de rodapé explicando a dificuldade da tradução de *bildung* para *formación*, evidenciando o problema da recepção latina de um termo alemão, que conjuga uma origem grega.

⁶ Esta introdução foi encontrada traduzida na Dissertação de Mestrado (UFPR - 2007) de Laura de Borba Moosburger, intitulada: “A ORIGEM DA OBRA DE ARTE” DE MARTIN HEIDEGGER: Tradução, Comentário e Notas (p. 66-80). Este texto permitiu o contato com olhar de Gadamer à reflexão ontológica sobre a obra de arte no pensamento de M. Heidegger, o que influenciou este trabalho.

A noção de compreensão e verdade desempenha no interior da relação do homem com o mundo uma espécie de princípios, no sentido que põe no homem o sentido que lhe faz reconhecer enquanto homem: formação.

Neste sentido, comentando como um contraponto a noção de *bildung* trabalhada por G. W. F. Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, em que a formação seria um processo cujo o resultado do trabalho no emergir da consciência pretende a universalidade. Isto é, Hegel ainda parece se manter numa estrutura de essência, “ao formar uma coisa, formar-se a si mesmo”⁷, restrito unicamente nas condições materiais da realidade e a determinação da consciência do sujeito. A afirmação de Hegel presume um lugar original, um ponto de partida, embora inaugure no cenário da modernidade a singularidade do sujeito frente ao mundo. Além disso, a noção de *tempo* em Hegel está por de trás também no contraponto apontado por Gadamer, na qual o movimento da consciência sempre é teleológico, isto é, o processo de formação do sujeito é sucessivo⁸, etapa-por-etapa visando um fim, uma espécie de progresso positivo desempenhado na formação do espírito. O pensamento de Gadamer parte fundamentalmente de uma crítica à consciência moderna e científica – em que o ponto de partida não existe, nem o ponto de chegada – mas trata-se sobretudo de uma circularidade do homem para o mundo, de um estar-a-caminho, contrária a uma noção de verdade como objetividade e como correspondência articulada à noção de tempo cronológico e sucessivo. No caminho, durante a experiência da formação que se desvela o próprio caminho, neste desvelar revela-se a verdade que lhe confere existência.

4. CONCLUSÃO

As presentes reflexões sobre o estatuto da formação a partir da concepção ontológica operada dentro do romance clariceano, pode apresentar que a noção de aprendizado, formação, constituição ou qualquer outro sinônimo, busca antes de tudo se desvencilhar e limpar o horizonte da compreensão do homem dos lençóis metafísicos da tradição. Na medida em que, dentro do processo de formação de uma personagem passou a operar noções de

⁷ Em VM, Gadamer faz um longo comentário a Hegel e cita esta passagem da *Phenomenologie des Geistes* (1807), evidenciando a importância da *bildung* no contexto da formação da consciência para a posição singular do sujeito na história.

⁸ Daí a importância do possível comprometimento desta noção de tempo em Hegel no escopo geral desta proposta de pesquisa, em que a obra de arte literária se encontraria numa outra situação. Cabe o comentário do filósofo e teórico das artes russo Mikhail Bakhtin: “Para compreender os problemas suscitados pelo tempo na formação do homem, cumpre também levar em conta o tipo cíclico de formação”. (BAKHTIN, 1997. p. 241)

tempo, verdade e entendimento (compreensão) diferentes daquelas de carácter linear e progressivo. Porque, antes de tudo, o fenômeno da formação é a instauração de sentido do homem no mundo e o seu constante devir no interior da obra de arte. Buscou-se articular a dimensão estética dentro da dimensão ontológica, isto é, o modo de ser hermenêutico da compreensão no protagonismo de uma personagem que atravessa estes problemas a partir da lida concreta com a vida, a existência, a morte e o silêncio.

Ficou patente também, que esta discussão pôde ser trabalhada pela relação entre Filosofia e Literatura cujo estatutos de pensamentos permaneceram autônomos e operantes. Não se tratou aqui, de “figurar” os problemas filosóficos a partir de uma personagem, mas sim, mostrar que um romance discute, pensa e articula os problemas filosóficos presentes na tradição hermenêutica do século XX. Seria ainda possível pensar que apenas o romance clariceano despontasse sozinho neste trabalho como uma unidade poética que tematiza a formação, o ser e a existência. Desta maneira, a formação do homem enquanto uma *Bildung* mostrou ser um processo fundamental, no sentido de primeiro, para o seu reconhecimento enquanto homem. Por fim, é a experiência da verdade que funda no homem o estatuto ontológico que o processo de formação atualiza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 50ª. ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e verdade**. Prefácio de Gerd Bornheim. Coleção Filosofia. – São Paulo: Loyola, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica da obra de arte**. Seleção e Tradução Marcos Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Verdade e Método**. Trad. Flávio Paulo Mayer. 10ª. ed. - Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____ **Verdad y Metodo I: Fundamentos de uma hermenêutica filosófica.** Trad. Ana Agud Aparício y Rafael de Agapito. – Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte.** Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, 2018.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. **10 lições sobre Gadamer.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. – (Coleção 10 lições)

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres.** - Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ **Todos os contos.** Org. Benjamin Moser. 1ª ed. — Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica.** Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani Macedo. – São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

MOOSBURGER, Laura de Borba. **“A ORIGEM DA OBRA DE ARTE” DE MARTIN HEIDEGGER: Tradução, Comentário e Notas.** 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Curitiba, Curitiba, 2007.

NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. **Cais.** Intérprete: Milton Nascimento. In: Clube da Esquina, faixa 2, Disco B. – São Paulo: EMI-Odeon, 1971-2.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector.** Série Temas: Estudos Literários. 2ª Ed. – São Paulo: Editora Ática, 1995.

_____ **Da arte como poesia.** 3. ed. In: Rodrigo Duarte. O belo autônomo: textos clássicos de estética. – Belo horizonte: Autêntica Editora: 2017. (coleção Filô/Estética)

SÁ, Olga. **Clarice Lispector - a travessia do oposto.** São Paulo: Annablume Editora, 1993.

STEIN, Ernildo. **A Instauração do sentido.** Porto Alegre: Editora Movimento, 1977.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion**, Belo Horizonte, nº 112, dez/2015, p.191-198.